



A narrativa da paixão de Cristo e os *Sermões do P. Antônio Vieira*: a iconografia dos mistérios dolorosos no forro da nave da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Vila de São José del-Rei (c. 1820)

La narración de la pasión de Cristo y los *Sermões do P. Antônio Vieira*: la iconografía de los mistérios dolorosos en el techo de la nave de la capilla de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Vila e São José del-Rei (c. 1820)

Luciana Braga Giovannini

Mestranda em História

Universidade Federal de São João Del-Rei

aolibama.arte@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar um recorte da pesquisa que está sendo concluída no curso de pós-graduação em História, área de História da Arte, intitulada *Os Mistérios do Rosário: Visão, Contemplação e Invocação*. Pretendemos compreender o discurso cristão proclamado aos irmãos do rosário através das narrativas plásticas referentes aos mistérios dolorosos – a paixão de Cristo – e associar as imagens com os princípios teológicos da Igreja Católica, especialmente, aqueles relacionados aos *Sermões do P. Antônio Vieira* dedicados aos escravos, devotos de Nossa Senhora do Rosário. O projeto iconográfico exprime a relação entre a pintura com uma proposta, de cunho teológico, que visa evangelizar e converter os membros da irmandade que correspondem, em sua maioria, por negros – africanos e descendentes – provenientes de diversas nações e, conseqüentemente, portadores de distintas concepções culturais e religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Iconografia, Irmandades.

RESUMEN: el actual artículo tiene como objetivo mostrar una parte de la investigación que está siendo concluída en el curso de pos-graduación en Historia, area de Historia del Arte, denominados *Os Misterios do Rosario: Visao, Contemplanção e Inovação*. Pretendemos comprender el discurso Cristiano proclamado a los hermanos del rosário através de las narrativas plásticas referentes a los mistérios dolorosos – la pasion de Cristo – y asociar las imagens con los principios teológicos de la Iglesia Católica, especialmente aquellos relacionados a los *Sermões do P. Antônio Vieira* dedicados a los esclavos, devotos de Nossa Senhora do Rosário. El proyecto iconográfico exprime la relación entre la pintura con una propuesta, de cunho teológico, que busca evangelizar y convertir a los miembros de la hermandad conpuesto, en su mayoría, por negros – africanos y descendientes – oriundos de diversas naciones y conseqüentemente, portadores de distintas concepciones culturales y religiosas.

PALABRAS CLAVE: Arte, Iconografía, Hermandad.



A liberdade é um estado de isenção que, uma vez perdido, nunca mais se recupera; quem foi cativo uma vez, sempre ficou cativo, porque ou o libertam do cativo ou não: se o não libertam, continua a ser cativo do tirano; se o libertam, passa a ser cativo do libertador.¹

Padre Antônio Vieira

A pintura da nave da Capela do Rosário

A Capela foi construída por iniciativa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em homenagem à Virgem do Rosário no início do séc. XVIII e localiza-se no centro histórico da atual cidade de Tiradentes, MG, antiga Vila de São José del-Rei. A pintura foi executada em forro de abóbada de berço revestido por 18 caixotões, uma cobertura de madeira utilizada para forrar tetos que corresponde a uma divisão quadrada com molduras simples ou ornamentadas em relevo. Chegou ao Brasil pelas mãos dos portugueses e foi muito utilizado no início do séc. XVIII, com o tempo, o forro de caixotão foi substituído pelo forro de tabuado corrido. Este tipo de cobertura produz um espaço compartimentado e a pintura é adaptada ao suporte, o artista organiza o espaço pictórico com base na representação de cenas narrativas, característica que revela uma herança portuguesa.

A pintura foi atribuída a Manoel Victor de Jesus (c. 1760-1828), membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila de São José. O pintor é considerado um dos representantes de uma escola autônoma do “ciclo rococó” que se desenvolveu na região de São João del-Rei². A obra corresponde a uma pintura narrativa que relata determinadas passagens da vida de Cristo e Maria: Vida, Paixão e Glória. Os episódios sacros referentes aos mistérios do rosário são historiados e correspondem a uma “representação plástica das histórias sagradas”³. A iconografia da nave complementa o projeto proposto pelo repertório de imagens da capela-mor que apresenta o rosário e a sua oração e meditação como o caminho para a Salvação.

O Santo Rosário é uma prática popular de devoção mariana aplicada como instrumento de evangelização e conversão dos fiéis à fé católica. Rememorar as passagens bíblicas através das imagens é uma forma de reviver e conservar na mente e no espírito os ensinamentos da vida de

¹VIEIRA, P. Antônio. **Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística**. Disponível em: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com.br/2012/11/sermao-xxvii-da-serie-maria-rosa.html>. Acesso em: 29 de nov. 2016, p. 10.

² OLIVEIRA, Myrian Andrade Ribeiro de. **O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 286.

³ SOBRAL, Luís de Moura Sobral. **Do sentido das formas: ensaios sobre pintura barroca portuguesa e outros temas ibéricos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1996, p. 120.



Cristo e Maria, sua mãe. Significa trazer algo do passado para o presente. Conforme Guilherme Amaral Luz, P. Antônio Vieira (1608-1697) argumenta no *Sermão Nossa Senhora do Rosário com o Santíssimo Sacramento* (1654) que, para nutrir a alma do cristão, é indispensável a memória, a meditação (entendimento) e a imitação (vontade) dos Mistérios do Rosário. A memória traz para o presente algo que estava ausente. Neste caso, quando os fiéis lembram as passagens da vida de Cristo (e da Virgem Maria)⁴ eles trazem Cristo (e a Virgem Maria) para perto de si. A ação da meditação é assemelhar-se ao que se vê quando está na presença mnemônica dos Mistérios. Os efeitos das duas primeiras etapas da compreensão do rosário só tem sentido na terceira fase, o momento da imitação. Conforme o autor, ao se assemelhar a Cristo (e à Virgem Maria) o fiel se funde a ele (e a ela) e adota definitivamente a vida de Cristo (e da Virgem Maria) como exemplo de vida⁵.

Não instituiu a Senhora o Rosário para o rezarmos só com a boca, e com tanta pressa como se passam as contas, mas para ter na memória os mistérios, para os meditar e cuidar neles com grande consideração, e para os tomar por exemplo, e os aplicarmos a nossas vidas⁶.

Guilherme nos conta que os sermões do P. Vieira referentes à devoção à Nossa Senhora do Rosário eram dirigidos aos escravos, mas estendiam-se também aos demais fiéis da igreja, inclusive, aos seus senhores⁷. “Via de regra, a pregação sobre o assunto dava-se no interior das igrejas ou capelas que havia tanto senhores quanto escravos, isso sem falar em figuras intermediárias, tais como feitores e capitães-do-mato, por exemplo”⁸.

A correlação entre os *Sermões de P. Antônio Vieira* e o projeto iconográfico da pintura da nave da Igreja do Rosário revela a grande possibilidade da sua circulação por Minas Gerais. Os *Sermões*⁹ foram editados nos anos de 1680 e os impressos parecem ter circulado pela colônia e pelo mundo a partir do final de séc. XVIII. Não temos certeza sobre a forma como a

⁴ Guilherme se refere apenas a Cristo, mas os Mistérios do Rosário dizem respeito à vida de Cristo e da Virgem Maria. Todas as vezes que ele menciona Cristo acrescentamos a Virgem Maria, que também é exemplo de vida a ser seguido. A Virgem atua, ao lado de seu Filho, como corredentora no processo de Salvação.

⁵ LUZ, Guilherme Amaral. **Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social**. Clio: Série Revista de Pesquisa Histórica – N. 27-2, 2009, p. 70 a 73.

⁶ VIEIRA, P. Antonio. **Sermão Nossa Senhora do Rosário com o Santíssimo Sacramento (1654)**. Literatura Brasileira: Textos Literários em meio eletrônico, p. 8.

⁷ De acordo com o pregador jesuíta, os senhores deveriam apreender o conteúdo dos sermões para continuarem ensinando aos seus escravos.

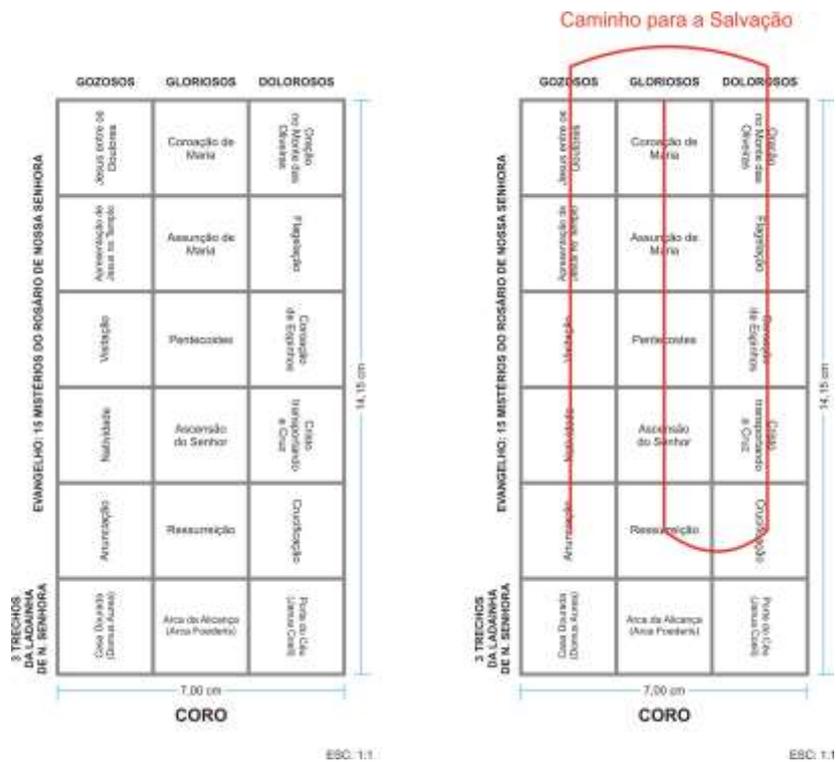
⁸ LUZ. **Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social**, p.73.

⁹ VIEIRA, P. Antonio. **Sermoens do P. Antonio Vieira da Companhia de IESV. Prégador de sua Alteza**. Primeira Parte dedicada ao Príncipe, N.S. Lisboa: Na Officina de Ioam da Costa, 1679. / VIEIRA, p. Antonio. **Sermoens do P. Antonio Vieira da Companhia de IESV. Prégador de sua Alteza**. Segunda Parte dedicada ao Príncipe, N.S. Lisboa: Na Officina de Ioam da Costa, 1682.



evangelização dos escravos era conduzida pela Irmandade do Rosário de Tiradentes, contudo, a disposição das imagens sugere um percurso a ser trilhado no interior da igreja que indica o caminho para a Salvação representado na pintura da capela-mor. Proposta que pode ter sido acatada pelos pregadores, visto que, a associação das imagens com o sermão contribui profundamente para a eficácia da evangelização e conversão dos irmãos do rosário que, seduzidos pelas narrativas plásticas, eram induzidos a acreditar na veracidade das cenas representadas.

O fiel é conduzido a percorrer¹⁰ a nave da igreja contemplando e meditando cada mistério do rosário; passa pelos mistérios gozosos (a Vida), se dirige aos dolorosos (a Paixão) e finaliza nos gloriosos (a Glória) caminhando de frente em direção à capela-mor onde encontra a Glória de Deus. Depois de refletir sobre os mistérios, o fiel é convidado a glorificar a Virgem Maria através da invocação. As três passagens referentes à ladainha de Nossa Senhora são laudatórias, ou seja, invocações de louvor que glorificam a mãe de Deus.



Esquema iconográfico da pintura do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tiradentes, MG. Manuel Victor de Jesus, c. 1820. Fonte: desenho elaborado pela autora (2016).

¹⁰ Os nomes referentes aos temas de cada caixotão estão escritos na posição que a imagem está representada. O observador deve se colocar frente a frente com a pintura. Essa é a forma sugerida como percurso do fiel pela nave da igreja até chegar à capela-mor, onde está representada a iconografia da Salvação – a Glória de Deus.



No que diz respeito às referências gráficas, as pinturas da nave, possivelmente, foram elaboradas a partir da interpretação das fontes presentes nos impressos europeus que circulavam em Minas Gerais no período colonial, especialmente os Missais e as gravuras avulsas. Quanto aos aspectos estilísticos da obra, a pintura caracteriza-se pela coexistência dos estilos de arte barroco e rococó, na medida em que a interpretação das estampas europeias, provenientes de várias localidades, possibilitou este amálgama estilístico. Consoante com Myrian Oliveria, o desenvolvimento e a expansão do rococó estão intimamente relacionados com o mercado internacional de gravuras ornamentais de origem italiana, francesa e germânica¹¹. Ademais, as narrativas bíblicas correspondem à iconografia religiosa do barroco que foi absorvido pelo rococó religioso em Minas Gerais.

O projeto iconográfico segue os padrões impostos pelo Concílio de Trento e exprime a relação entre a pintura com uma proposta, de cunho teológico, que visa evangelizar e converter os irmãos do rosário que correspondem, em sua maioria, por negros – africanos e descendentes – provenientes de diversas nações e, conseqüentemente, portadores de distintas concepções culturais e religiosas. Os comitentes, com a provável colaboração do artista, elaboraram a iconografia baseada em diversas fontes literárias, entre elas, a *Bíblia*, os *Evangelhos Apócrifos*, *A Legenda Áurea*, a *Letania Lauretana* e os *Sermões do P. Antônio Vieira*.

Neste artigo, vamos abordar a relação entre a iconografia dos mistérios dolorosos e a associação do martírio de Cristo com a condição de cativos dos membros da irmandade, devotos da Virgem do Rosário, fundamentado nos *Sermões*¹² do padre jesuíta com o intuito de compreender o significado da obra e a mensagem transmitida aos irmãos do rosário – os receptores da obra de arte.

O projeto iconográfico dos Mistérios Dolorosos: a Paixão de Cristo Oração no monte das Oliveiras

O primeiro episódio da Paixão representa o momento da oração de Jesus no Getsêmani¹³. A passagem é relatada por três dos evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas, porém, é a narrativa do evangelho de Lucas que correlaciona com a pintura da Igreja do Rosário de Tiradentes.

¹¹ OLIVEIRA. **O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus**, p. 41-49.

¹² Quando mencionamos os *Sermões* de P. Vieira, estamos nos referindo àqueles que dizem respeito à Nossa Senhora do Rosário e aos *Sermões* da *série Maria Rosa Mystica*.

¹³ O nome significa “largar de azeite”. Ficava situado no vale de Cedron, ao pé do monte das Oliveiras. In: BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 1v.



Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! Apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. E, cheio de angústia, orava com mais insistência ainda [...] Erguendo-se após a oração, veio para junto dos discípulos e encontrou-os adormecidos de tristeza.¹⁴



Oração no Monte das Oliveiras. Manoel Victor de Jesus, c. 1820. Pintura do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tiradentes, MG. Fonte: foto da autora (2015).

O olhar do espectador percorre o espaço do canto inferior direito ao superior esquerdo conectando Cristo ao cálice no céu. Os protagonistas do episódio se encontram em primeiro plano, próximo ao observador. Cristo, de joelhos, cruza as mãos em um gesto dramático de súplica e gira o rosto para o lado oposto ao cálice. A ação correlaciona com o texto: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice!”¹⁵. O anjo, atrás de Jesus, em postura verticalizada, conforta e sustenta o corpo do Mestre, seu olhar expressa serenidade e piedade. O cenário é aberto para uma paisagem composta por árvores, vegetais e pedras. Visualizamos três figuras escuras representando os apóstolos adormecidos – Pedro, Tiago e João. No céu, uma luz amarela domina a cena, ilumina Cristo e o anjo que o ampara. A iluminação intensifica o drama e cria uma atmosfera de mistério representando o sofrimento e a agonia do episódio. Três anjos, localizados no espaço celestial, testemunham o acontecimento.

O pintor representou dois momentos do episódio sacro, a oração de Jesus no monte das Oliveiras e o conforto do anjo do Senhor. O cálice é trazido pelas mãos de alguém. Infelizmente, a deterioração da pintura não nos permite identificar o portador do objeto. Conforme Louis Réau, a iconografia da Oração no Monte das Oliveiras segue uma ordenação que é rigorosamente praticada por todas as obras figurativas: Jesus em oração no centro da narrativa; um anjo no céu apresentando o cálice e os três apóstolos dormindo no espaço terreno. Não podemos afirmar que

¹⁴ BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 1v. (Lucas 22, 42-45).

¹⁵ BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. (Lucas 22, 42).



o artista tenha representado um anjo transportando o cálice, mas existe a possibilidade do pintor ter seguido o padrão de representação observado na tradição das imagens. O autor acrescenta ainda que a maioria dos artistas adotou a versão de Lucas para a representação, fato que condiz com a obra da Igreja do Rosário e que revela a sua coerência com a tradição iconográfica reforçando a possibilidade de que o anjo transportando o cálice tenha sido representado¹⁶.

No tocante à mensagem e ao significado da obra identificamos dois elementos fundamentais, o gesto da oração e o cálice.

Oração

A oração no Monte das Oliveiras corresponde à segunda tentação de Cristo, a agonia diante do sofrimento e da morte, uma cena que representa o medo e a humanidade do Filho de Deus¹⁷. Ao subir o Monte das Oliveiras diz aos discípulos: “Orai para não entrardes em tentação”¹⁸. Depois, pede a Deus que afaste dele o cálice, símbolo do martírio, e em seguida, acrescenta que é a vontade do Pai que deve ser feita e não a dele. Jesus ensina os fiéis a orar, isto é, suplicar e se submeter à vontade de Deus. Na Bíblia, quando Mateus relata a oração de Jesus no Getsêmani, há uma indicação que nos encaminha para a Epístola aos Hebreus, onde encontramos o verdadeiro significado da oração para os cristãos. “É ele que, nos dias da sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido por causa da sua submissão”¹⁹. Ora, como foi atendido se Jesus não foi salvo do martírio que culminou na sua morte? Uma nota na Bíblia explica que a oração de Cristo em agonia corresponde à virtude da religião: “A oração de Cristo em agonia era inspirada pela obediência total à vontade do Pai”²⁰. Deus atendeu ao pedido de Jesus transformando o sofrimento e a morte em “exaltação gloriosa”²¹, isto é, o pedido foi atendido por meio da Salvação.

Cálice

O cálice é a taça que recolhe o sangue de Cristo, símbolo da Paixão. Ele é trazido ao Filho pelas mãos do Pai, representado pela figura do anjo – o mensageiro do Senhor. O cálice

¹⁶ RÉAU, Louis. **Iconografía del arte Cristiano. Iconografía de la Biblia: Nuevo Testamento**. Barcelona: Ediciones Serbal, 2008, p. 445.

¹⁷ _____. **Iconografía del arte Cristiano. Iconografía de la Biblia: Nuevo Testamento**, p. 444.

¹⁸ BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém** (Lucas 22, 40).

¹⁹ _____. **A Bíblia de Jerusalém** (Hebreus 5, 7).

²⁰ _____. **A Bíblia de Jerusalém**, nota i, p. 2246.

²¹ _____. **A Bíblia de Jerusalém**, nota h, p. 2246.



oferecido a Jesus representa o sacrifício, a vontade do Pai que deve ser acolhida e respeitada. “Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!”²².

A irmandade do Rosário escolheu a oração e o conforto vindo do céu para representar o primeiro episódio da Paixão de Cristo. Como atributo, elegeu o cálice, símbolo do sangue derramado pelo Filho de Deus no processo de Salvação da humanidade. A narrativa sugere aos fiéis a oração e a vigília como prática religiosa que os protege das tentações e do pecado. Para que a súplica seja atendida é necessário aceitar a vontade do Senhor, da mesma forma que Maria na Anunciação e Jesus nos instantes que antecedem a sua prisão. O sermão ensina: orai e vigiai, o conforto está no Senhor, porém, é preciso humildade para aceitar a sua decisão. Essa é a virtude do sermão sacro: a obediência total à vontade do Pai.

Para compreender a relação da mensagem com os receptores da obra de arte é necessário traçar um paralelo entre a atitude de Cristo diante do martírio que se inicia e a vida dos irmãos do rosário. Como já foi dito, a maioria dos membros da irmandade eram negros e escravos – africanos e descendentes. O exemplo de submissão total à vontade do Pai deve ser observado pelos cativos que são persuadidos a aceitar, com paciência, a escravidão e entender a importância do sofrimento no processo de Salvação. Semelhante ao martírio de Cristo que foi transformado em “exaltação gloriosa”²³, as dores do cativo serão compensadas pela “liberdade eterna”²⁴.

O que haveis de fazer consolar-vos muito com estes exemplos, sofrer com muita paciência os trabalhos do vosso estado, dar muitas graças a Deus pela moderação do cativo que vos trouxe, e sobretudo aproveitar-vos dele para o trocar pela liberdade e felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas há de durar para sempre.²⁵

Guilherme Amaral Luz afirma que “de todos os mistérios ordenados conforme o Rosário, os relativos às dores da Paixão e da Morte de Cristo são, por excelência, os mais poderosos a serviço da conversão”²⁶. Desta forma, a aceitação e a obediência à vontade de Deus Pai e, conseqüentemente, “a conformação do escravo com o cativo”, constitui fator essencial para a Salvação da alma²⁷. Os irmãos do rosário foram instigados, por meio do sermão plástico, a adotar como conduta a virtude da religião católica e converterem-se ao cristianismo.

²² _____ . **A Bíblia de Jerusalém**. (Lucas 22, 42).

²³ BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**, nota h, p. 2246.

²⁴ VIEIRA. **Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística**, p. 1-18.

²⁵ _____ . **Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística**, p. 15.

²⁶ LUZ. **Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social**, p. 82.

²⁷ _____ . **Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social**, p. 82.



Flagelação

Jesus foi duplamente julgado, o processo que culminou com a condenação de Cristo à morte passou por duas etapas, um julgamento religioso e outro político. Jesus foi submetido a duas autoridades, ao sumo sacerdote Caifás e ao procurador romano Pôncio Pilatos. A Judeia havia se convertido em uma província romana e o governador era o responsável pelo julgamento em última instância dos assuntos referentes ao direito comum. Os romanos tinham proibido ao Sinédrio o direito de decidir sobre a vida e a morte. Sendo assim, a condenação pronunciada pelo tribunal religioso – a crucificação – só poderia ser executada diante da confirmação oficial de Roma. Depois de ser condenado pelo Sinédrio,²⁸ Jesus foi encaminhado ao procurador romano que o enviou a Herodes Antipas – tetrarca da Galileia. Herodes recusou condená-lo e o devolveu a Pilatos que se viu obrigado, diante da comoção dos judeus, a proferir sentença²⁹.



Flagelação. Manoel Victor de Jesus, c. 1820. Pintura do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tiradentes, MG. Fonte: foto da autora (2015).

A flagelação é o prenúncio da crucificação entre os romanos:³⁰ “[...] Quanto a Jesus, depois de açoitá-lo, entregou-o para que fosse crucificado”³¹. Os quatro evangelhos mencionam a flagelação de Cristo, porém, as descrições são limitadas, eles apenas dizem que Cristo foi açoitado, castigado ou como diz João: “Pilatos, então, tomou Jesus e o mandou flagelar”³². Louis

²⁸ Tribunal dos antigos judeus em Jerusalém, responsável pelo julgamento dos assuntos criminais e administrativos. Era formado por escribas, anciãos e sacerdotes.

²⁹ RÉAU. *Iconografia del arte Cristiano. Iconografia de la Biblia: Nuevo Testamento*, p. 462-473

³⁰ BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*, nota i, p. 1892.

³¹ _____. *A Bíblia de Jerusalém* (Mateus 27,26).

³² BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém* (João 19,1).



Réau afirma que a iconografia da Flagelação originou da palavra. Não existe um relato detalhado de como a cena se desenrola³³.

Observando a pintura, percebemos que a cena transcorre em um cenário arquitetônico com uma abertura lateral para o exterior. No lado direito, em primeiro plano, observamos o detalhe de uma coluna. A impressão que temos é a de que o artista fez um recorte na cena e ampliou o cenário aproximando o observador do espaço pictórico. Recurso técnico característico da arte da Contrarreforma que tem como objetivo a persuasão, o fiel é incorporado ao episódio e passa a ser testemunha do flagelo de Cristo. Jesus tem as mãos atadas. O seu algoz ergue o braço direito segurando o *flagrum* romano,³⁴ lança uma das pernas para o alto e projeta o tronco para trás adquirindo impulso e força para chicotear o sentenciado. O pintor reproduziu o momento exato do açoite, o naturalismo se faz presente na sugestão do gesto – uma cena extremamente dramática.

A respeito do significado da pintura, qual a mensagem que a irmandade pretendeu transmitir aos fiéis que circulavam pela nave da igreja contemplando os mistérios? Pensando na relação entre a pintura e os receptores da obra de arte, qual a conexão entre a flagelação de Cristo com os açoites sofridos pelos escravos – membros da irmandade do rosário? Qual a justificativa para o sofrimento de Cristo e, paralelamente, para o sofrimento humano, sobretudo para aqueles que viviam submetidos à escravidão?

Ora, os teólogos encontram explicação para tudo. Na legenda intitulada *A Paixão do Senhor*, Varazze relata que “Em sua Paixão, Cristo sofreu dores amargas e desprezo humilhante para nos proporcionar benefícios de imenso valor”³⁵. Os benefícios da flagelação estão associados à libertação dos pecados dos homens. A flagelação é símbolo da remissão dos pecados, prática que tem o objetivo de afastar as tentações. “Os ascetas de todas as religiões flagelaram-se sempre, até sangrar, não só por espírito de sacrifício, mas também para repelir as tentações”³⁶. Conforme padre Antônio Vieira, a escravidão do corpo é uma providência divina, por meio da qual os irmãos do rosário serão salvos: “Mas é particular providência de Deus, e sua, que vivais de

³³ RÉAU. *Iconografía del arte Cristiano. Iconografía de la Biblia: Nuevo Testamento*, p.470.

³⁴ O *flagrum* romano é um chicote, um instrumento de tortura utilizado no castigo corporal. A tortura com o *flagrum* foi aplicada pelo sistema judicial de Roma na antiguidade aos condenados à morte, inclusive, aqueles que seriam submetidos à crucificação. O castigo era denominado flagelação.

³⁵ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.318.

³⁶ CHEVALIER, Jean / CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio LTDA, 2015, p. 433.



presente escravos e cativos, para que por meio do mesmo cativo temporal consigais muito facilmente a liberdade eterna”³⁷.

Quando os irmãos do rosário meditam diante da Flagelação, eles, provavelmente, se identificam com Cristo e se assemelham a ele. Do mesmo modo que os sofrimentos de Cristo foram convertidos em Glória, os açoites sofridos pelos escravos, também, teriam a sua recompensa. Neste caso, o castigo do açoite é transformado em benção, pois é através dele que o fiel vai se libertar dos pecados para alcançar o Paraíso e a Vida Eterna.

Se, espelhando-se no exemplo de Cristo, através da meditação do Rosário, suportassem sua condição e sua fortuna com paciência, esses poderiam experimentar a verdadeira benção escondida por trás dos açoites, do trabalho árduo e das ofensas recebidas.³⁸

Cristo foi injustiçado, mas conhecemos pela Bíblia que o seu suplício desempenhou um papel fundamental no processo de Salvação da humanidade. Ademais, a Paixão de Cristo ocorreu conforme a vontade do Pai, como assinalado no episódio anterior. Os teólogos insistem que todo cristão deve confiar no mistério da Paixão, pois todo sofrimento tem um propósito e uma recompensa. Conforme a Epístola aos Romanos, todos os cristãos estão destinados à Glória: “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar em nós”³⁹. A mensagem transmitida aos irmãos do Rosário, por meio do episódio da Flagelação, corresponde à remissão dos pecados concedidos pelo sacrifício e a recompensa resultante do sofrimento – a glória de Deus.

Coroação de espinhos

Jesus foi condenado pelo Sinédrio por blasfêmia, por ter se declarado Filho de Deus. Em seguida, foi encaminhado ao Pretório, o tribunal do procurador romano, onde foi condenado à morte por se declarar Rei dos Judeus. Logo após o açoite, Jesus foi coroado de espinhos. O momento representado, ao que tudo indica, deriva da narrativa de Mateus:

Em seguida, os soldados do governador, levando Jesus para o Pretório, reuniram contra ele toda a coorte. Despiram-no e puseram-lhe uma capa escarlate. Depois, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-na em sua cabeça e um caniço na mão direita.⁴⁰

³⁷VIEIRA. *Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística*, p. 11.

³⁸LUZ. *Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social*, p. 82.

³⁹BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém* (Romanos 8, 18).

⁴⁰_____. *A Bíblia de Jerusalém* (Mateus 27, 27-29).



Coroação de espinhos. Manoel Victor de Jesus, c. 1820. Pintura do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tiradentes, MG. Fonte: foto da autora (2015).

O cenário é simples, a cena ocorre em um local intermediário entre o espaço externo e interno, delimitado por duas colunas localizadas nas laterais do suporte. Os personagens estão dispostos em um plano aproximado em relação ao observador que presencia o episódio sacro. Jesus encontra-se no centro do espaço pictórico, sentado, com um caniço entre as mãos atadas, está coberto com um manto vermelho e uma coroa de espinhos na cabeça exatamente como descreve Mateus. O corpo, ligeiramente inclinado, demonstra abatimento físico. A fisionomia é de exaustão, o olhar é de tristeza, reflexo do castigo e da humilhação a que foi submetido. Gotas de sangue correm pelo rosto e pescoço. À direita, o pintor representou duas figuras, provavelmente, dois soldados romanos. A figura de costas, em primeiro plano, está vestida com uma armadura romana e apoia o corpo em uma lança, as mãos na cintura expressam, simultaneamente, tranquilidade e indiferença diante do acontecimento. As linhas do desenho são suaves e delicadas, o corpo é esbelto, e o gesto é extremamente teatral representando a ironia e o escárnio do episódio.

Cristo foi envolvido com um manto vermelho escarlate evocando a cor púrpura real. A coroa de espinhos não é exatamente um objeto de tortura, mas representa a coroa utilizada pelos reis. O caniço na mão representa o cetro, emblema do poder. Três elementos simbólicos que expressam a humilhação, a zombaria e o deboche da narrativa. De acordo com Louis Réau, a Coroação de espinhos representa o desprezo dos soldados romanos que não compreenderam que o reino de Jesus não é deste mundo.⁴¹ Quando interrogado por Pilatos: “Tu és o rei dos

⁴¹ RÉAU. *Iconografía del arte Cristiano. Iconografía de la Biblia: Nuevo Testamento*, p.476.



judeus?”⁴², Jesus responde o seguinte: “Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui”⁴³. O reino pregado pelo Filho de Deus não pertence ao mundo material, mas ao mundo espiritual – “o Amor e a Verdade” anunciado no episódio da Visitação. Jesus veio ao mundo para testemunhar a verdade – o reino de Deus.

No *Sermão XXVII*, P. Antônio Vieira se dirige aos escravos afirmando que Cristo veio ao mundo para libertar os homens do cativeiro da alma e não do corpo. De acordo com o sermão proferido pelo padre jesuíta, o fiel não deve se preocupar com o cativeiro do corpo, o mundo material não é mais importante que o mundo espiritual, isto é, o corpo não é mais importante que a alma. Como visto na narrativa da Flagelação, o sofrimento do corpo não é um castigo; mas, ao contrário, uma benção que será convertida em Glória.

E se buscarmos o princípio fundamental por que Cristo, sendo Redentor do gênero humano, só veio remir e libertar os homens do cativeiro das almas, e não da servidão dos corpos, o fundamento claro e manifesto é porque para libertar do cativeiro dos homens, bastavam homens; para libertar do cativeiro do demônio e do pecado, é necessário todo o poder de Deus.⁴⁴

Para entrar no reino dos céus, o homem precisa renunciar a vida material e nascer novamente para uma vida espiritual. No evangelho de João, Jesus diz a Nicodemos: “Em verdade, em verdade, te digo: Quem não nascer do alto, não pode ver o Reino de Deus”⁴⁵. Nascer do alto significa nascer de novo, no plano espiritual, pelo batismo. “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”⁴⁶. O reino de Deus corresponde à vida eterna.

A coroação de espinhos exorta o fiel à conversão e ao batismo como necessidade absoluta para entrada no reino dos céus. A promessa da Salvação é negada aos gentios, somente os cristãos serão salvos: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”⁴⁷. Somente os que creem – os convertidos e batizados – serão recompensados com a Glória de Deus. A mensagem que a imagem transmite aos irmãos do Rosário corresponde à transformação por meio da conversão, o renascimento pelo batismo e o desprendimento da vida material.

⁴² BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém** (João 18,33).

⁴³ _____ **A Bíblia de Jerusalém** (João 18,36).

⁴⁴ VIEIRA. **Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística**, p. 7.

⁴⁵ BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém** (João 3,3).

⁴⁶ _____ **A Bíblia de Jerusalém** (João 3,5).

⁴⁷ _____ **A Bíblia de Jerusalém** (João 3,16).



Cristo transportando a cruz

A pintura, possivelmente, correlaciona com o evangelho de João:

[...] Então eles tomaram Jesus. E ele saiu, carregando a sua cruz, e chegou ao chamado Lugar da Caveira – em hebraico chamado Gólgota – onde o crucificaram; e, com ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio.⁴⁸



Cristo transportando a cruz (traçado da cruz). Manoel Victor de Jesus, c. 1820. Pintura do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tiradentes, MG. Fonte: foto da autora (2015).

Se Jesus tivesse sido julgado por blasfêmia pelas autoridades religiosas, ele teria sido apedrejado. No caso de ser cidadão romano, teria sido condenado à decapitação. Como o Sinédrio foi proibido de condenar qualquer pessoa à morte e Jesus não era cidadão romano, Pôncio Pilatos o condenou à crucificação – morte destinada aos escravos fugitivos. Todos os homens condenados à morte tinham, por costume, cavar a sua própria sepultura, os condenados à cruz deveriam, do mesmo modo, carregar a sua própria cruz⁴⁹.

A pintura corresponde ao momento em que Cristo pega a sua cruz e caminha em direção ao calvário, o local da crucificação. De todos os painéis que formam o conjunto dos mistérios dolorosos, este é, sem dúvida, o que se encontra em pior estado de conservação. Não é possível fazer uma análise estilístico-formal da obra, no entanto, conseguimos perceber uma ordenação simétrica do espaço centralizada na figura de Cristo. Constatamos, através dos pés, a presença de mais cinco pessoas, duas localizadas no lado direito, duas no lado esquerdo, e outra, no centro, ao lado de Jesus. À direita do espaço pictórico, em primeiro plano, reconhecemos um soldado romano, por meio da ponta de uma lança e um objeto circular que parece ser um escudo. Cristo

⁴⁸ _____ . **A Bíblia de Jerusalém** (João 19, 16-18).

⁴⁹ RÉAU. **Iconografia del arte Cristiano. Iconografia de la Biblia: Nuevo Testamento**. p.480-82.



está carregando a cruz do martírio, vestindo uma roupa cinza escura e manto azul idêntica à visualizada na primeira pintura – a Oração no Monte das Oliveiras.

Nos evangelhos sinóticos⁵⁰, Mateus e Marcos relatam que um homem chamado Simão Cirineu é requisitado para carregar a cruz. Comparando os relatos bíblicos com a imagem da Igreja do Rosário, consideramos que a pintura correlaciona com o texto de João, visto que quem carrega a cruz é o próprio Cristo. Entretanto, na tradição das imagens, a figura de Simão é, frequentemente, representada auxiliando Jesus no transporte da cruz. Será que um daqueles homens representados na pintura que estamos estudando pode ser Cirineu? Conforme Louis Réau, os especialistas na análise de textos literários conciliam o relato de João com os evangelhos sinóticos. Sendo assim, Jesus teria começado a carregar a cruz sozinho e, ao perceberem a exaustão decorrente da flagelação, os soldados solicitaram a ajuda de um homem que passava pelo local. A tradição iconográfica nos revela que existe grande possibilidade de Simão Cirineu ter sido representado na pintura do Rosário⁵¹.

No que diz respeito ao significado da obra de arte, é necessário compreendermos o significado da cruz.

Cruz

A cruz representa o suplício do Messias. Para o cristianismo, a cruz representa a vida humana de Cristo e a história da Salvação, pois foi por meio dela que ele se sacrificou para salvar a humanidade. Nesse caso, a cruz simboliza o sacrifício necessário para alcançar a Salvação – a cruz da Paixão⁵².

Os teólogos apontam como prefiguração de Cristo carregando a cruz do martírio uma passagem do Antigo Testamento que relata o episódio em que Isaac carrega a lenha para o seu próprio sacrifício. “Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre o seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e foram-se os dois juntos”⁵³. Louis Réau declara que a cena de Cristo carregando a cruz foi utilizada para ilustrar as palavras de Jesus que

⁵⁰ São chamados de evangelhos sinóticos os três primeiros livros canônicos que narram a Boa Nova, os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Os três livros apresentam uma estrutura narrativa semelhante que podem ser abarcados “com um só olhar” por isso são denominados sinóticos, compartilham um mesmo ponto de vista.

⁵¹ RÉAU. *Iconografia del arte Cristiano. Iconografia de la Biblia: Nuevo Testamento*, p.480-82.

⁵² CHEVALIER / CHEERBRANT. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, p. 309-316.

⁵³ BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém* (Gênesis 22, 6).



revelavam as condições necessárias para aqueles que pretendem ser seu discípulo⁵⁴. “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”⁵⁵. O recado presente na imagem, provavelmente, diz respeito à imitação da vida de Cristo: quem seguir os passos de Jesus alcançará a Salvação, ele é o caminho, a verdade e a vida.

Quando Cristo foi condenado à crucificação pelos romanos, foi sentenciado com a mesma pena destinada aos escravos e a sua imagem é associada, novamente, aos receptores da obra de arte, os devotos de Nossa Senhora do Rosário. O sermão plástico condiciona os fiéis a se identificarem com Jesus e tomar a sua vida como exemplo. Para alcançar a Salvação é necessário que o fiel seja um seguidor de Cristo, tenha a sua vida como modelo e, por meio da imitação, transforme a sua própria vida unindo-se definitivamente a Deus.⁵⁶ Para tanto, é preciso que cada um carregue a sua própria cruz, assim como Cristo o fez, pois o caminho para a Glória de Deus é constituído de sacrifícios.

Crucificação

O martírio chegou ao fim, Jesus está morto. O episódio da Crucificação encerra o ciclo da Paixão de Cristo, o período intermediário entre a Vida e a Glória. Cessou a existência da vida humana do Salvador e as escrituras foram cumpridas: “[...] na verdade levou sobre si o pecado de muitos [...]”⁵⁷. A pintura relata a morte do Redentor na presença de Maria – sua mãe, João – o Evangelista, e Maria Madalena. Entre os relatos presentes nos evangelhos canônicos, o que mais se aproxima da pintura é a narrativa de João.

Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: Mulher, eis o teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis a tua mãe! E a partir dessa hora o discípulo a recebeu em tua casa.⁵⁸

⁵⁴ RÉAU. *Iconografía del arte Cristiano. Iconografía de la Biblia: Nuevo Testamento*, p.482.

⁵⁵ BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém* (Mateus 16, 24).

⁵⁶ LUZ. *Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social*, p. 72.

⁵⁷ BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém* (Isaias 53,12).

⁵⁸ _____. *A Bíblia de Jerusalém* (João 19, 25-27).



Crucificação. Manoel Victor de Jesus, c. 1820. Pintura do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Tiradentes, MG. Fonte: foto da autora (2015).

No alto de uma colina – o Gólgota – Cristo foi crucificado. A composição é clara, objetiva e totalmente aberta para o horizonte. Uma linha em diagonal divide os espaços – céu e terra – e a cruz ocupa o lugar central da narrativa. À direita, Maria Madalena de joelhos, com os braços estendidos – um gesto dramático de agonia diante do fim. À esquerda, estão representados a Virgem Maria e João, o Evangelista. De agora em diante, mãe e filho, amparando-se um ao outro. Conforme a Bíblia, o vínculo estabelecido entre a Virgem e João proclama a maternidade espiritual de Maria sobre os fiéis que estão representados pela figura do Evangelista⁵⁹. No alto da cruz, a inscrição que revela o motivo de condenação: “Jesus Nazareu, o Rei dos Judeus”⁶⁰ – INRY.

Jesus está pregado em uma cruz de madeira com a coroa de espinhos e todo ensanguentado. O corpo esquelético, ferido, cabeça inclinada para o lado, olhos fechados, tudo é dor e sofrimento. A faixa que envolve a sua cintura – *perizonium* – parece flutuar, um movimento leve e silencioso. A Virgem Maria está em pé com as mãos entrelaçadas, envelhecida não apenas pelo tempo, mas, principalmente, pela dor do martírio espiritual que foi submetida ao lado de seu filho Jesus. A Virgem é corredentora ao lado de Cristo no processo de Salvação da humanidade; enquanto ele sofreu o martírio do corpo, Maria foi crucificada em espírito – Paixão e Compaixão. A solução formal para a dor e o sofrimento da mãe de Deus foi representada por meio dos traços fisionômicos de Maria – debilitada, exausta e abatida. João encontra-se ao lado da Virgem e

⁵⁹ BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**, nota x, p. 2036.

⁶⁰ _____ . **A Bíblia de Jerusalém** (João 19, 19).



representa os apóstolos que se dispersaram após a prisão do Mestre⁶¹. O Evangelista foi considerado o discípulo que Jesus mais amava, participou da Paixão, foi confiado à Virgem como filho e um dos primeiros apóstolos a seguir Jesus como discípulo⁶². A fisionomia do evangelista é serena e angelical, traços delicados, cabelos ruivos e longos, imberbe como um adolescente. Dirige o seu olhar para a Virgem, olhos amendoados, de expressão meiga e piedosa. O gesto de Maria Madalena é patético e teatral, digno de piedade. De joelhos, braços estendidos em direção ao crucificado e o olhar fixo em Jesus. A expressão da personagem intensifica o drama do episódio – uma manifestação de amor e sofrimento.

No tocante ao significado da obra, a pintura representa o ato de Redenção, o momento em que Cristo é resgatado para salvar a humanidade dos pecados do mundo por meio do sacrifício – a morte na cruz: “[...] para o cativo das almas, e para as libertar do jugo do demônio e do pecado, só tem forças e poder o mesmo Deus, e esse com ambos os braços estendidos em uma cruz”⁶³. Este episódio constitui um marco histórico, visto que interrompe a vida humana de Cristo para dar início à vida espiritual do Redentor através da Ressurreição. O simbolismo do episódio está no ato, a Redenção é a garantia da Salvação da humanidade e marca o momento de transição entre a vida material para a vida espiritual. A morte de Cristo na cruz simboliza o nascimento para a vida eterna, a promessa da Salvação.

Para compreender a relação entre a mensagem e os irmãos do rosário, recorreremos, novamente, aos *Sermões do P. Antônio Vieira*. Conforme as pregações do padre jesuíta, a crucificação simboliza o segundo nascimento de Cristo. O primeiro nascimento foi em Belém e sem dores, repleto de alegria; o segundo, no calvário ao pé da cruz e carregado de sofrimento. “Uma vez nascido Cristo em Belém, e outra vez nascido em Jerusalém; uma vez nascido no princípio da vida, e outra vez nascido no fim dela; uma vez trinta e três anos antes, e outra vez trinta e três anos depois [...]”⁶⁴.

O *Sermão XIV* da série *Maria Rosa Mística* descreve outros dois nascimentos provenientes do calvário, o de João, o Evangelista, e o dos pretos, devotos de Nossa Senhora do Rosário. Como mencionado anteriormente, Cristo entrega aos cuidados da Virgem o seu discípulo mais

⁶¹ RÉAU. *Iconografía del arte Cristiano. Iconografía de la Biblia: Nuevo Testamento*, p.520.

⁶² BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*, p. 1979.

⁶³ VIEIRA. *Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística*, p. 8.

⁶⁴ VIEIRA, P. Antônio. *Sermão XIV (1633)*. *Literatura Brasileira: textos literários em meios eletrônicos*, p. 3.



amado – Eis o teu Filho! Conforme padre Vieira, Jesus e João era uma só pessoa, unidos pelo amor:

[...] Jesus o Senhor e João o servo; Jesus o Mestre, e João o discípulo; Jesus o Criador; e João a criatura; Jesus o filho de Deus, e João o filho de Zebedeu, como era ou como podia ser João, não outro filho, senão o mesmo filho, nem outro Jesus, senão o mesmo Jesus que a Senhora gerara.⁶⁵

E os pretos? De que forma são filhos do calvário? Pela fé e pelo batismo. De acordo com o pregador, todo homem que tem fé em Cristo é filho da Virgem Maria, assim como Cristo e João. O sermão prega que todo homem “que tem a fé e conhecimento de Cristo, de qualquer qualidade, de qualquer nação e de qualquer cor que seja, ainda que a cor seja tão diferente das dos outros homens, como é a dos pretos”⁶⁶ é também filho da Virgem. Como Cristo e João, o pregador se refere a um segundo nascimento, ao pé da cruz, por meio do ato de Redenção e do perdão dos pecados. Esse renascimento só é possível diante da conversão e do batismo, não são todos os pretos que se tornam filhos da Virgem e do Calvário, mas, somente aqueles que, conhecendo Cristo, foram transformados e batizados, os gentios estão excluídos. O padre jesuíta recorre ao Antigo Testamento para fundamentar o seu sermão:

Os etíopes, de que fala o texto de Davi, não são todos os pretos universalmente, porque muitos deles são gentios nas suas terras; mas fala somente daqueles de quem eu também falo, que são os que por mercê de Deus e de sua Santíssima Mãe, por meio da fé e conhecimento em Cristo, e por virtude do batismo são cristãos. [...] Porque todos os que têm a fé e conhecimento de Cristo, e são cristãos, são membros de Cristo, e os que são membros de Cristo não podem deixar de ser filhos da mesma Mãe, de que nasceu Cristo.⁶⁷

A relação estabelecida pelo pregador entre os três nascimentos do calvário – Jesus, João e os Pretos; todos, a partir da mesma mãe – a Virgem Santíssima – tem como propósito a persuasão dos escravos à devoção ao Rosário, especialmente, a contemplação dos mistérios dolorosos que os ensina o caminho da Redenção. Ademais, é nos mistérios da Paixão que a vida dos irmãos do rosário se assemelha mais à vida de Cristo. “Bem-aventurados vós, se souberem conhecer a fortuna do vosso estado, e, com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança, aproveitar e santificar o trabalho!”⁶⁸.

⁶⁵ _____ . Sermão XIV (1633), p. 4.

⁶⁶ VIEIRA. Sermão XIV (1633), p. 5.

⁶⁷ _____ . Sermão XIV (1633), p. 6.

⁶⁸ _____ . Sermão XIV (1633), p. 10.



Os pretos – irmãos do rosário – são persuadidos a agradecer a Deus pelo cativo. Foi a escravidão que garantiu a oportunidade do conhecimento de Cristo e dos mistérios do Rosário. O que parece ser apenas uma proposta de devoção, passa a ser, no discurso do P. Vieira, uma obrigação: “O novo nascimento dos mesmos pretos, como filhos da Mãe de Deus, lhes mostra a obrigação que têm de servir, venerar e invocar a mesma Senhora com o seu Rosário”⁶⁹. Como primeira obrigação, o pregador declara o seguinte:

[...] deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por ter vos tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazidos a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis.⁷⁰

A mensagem da crucificação corresponde ao ato de Redenção, o perdão dos pecados e a libertação da alma. O segundo nascimento de Jesus, o renascimento para uma vida espiritual e eterna, é oferecido como possibilidade a todos aqueles que creem em Cristo e em seu reino, os quais podem, como Jesus, renascer para uma nova vida. O sermão plástico da Crucificação correlaciona com a proposta da Igreja Católica de evangelizar e converter os membros da irmandade ao catolicismo e ratifica as mensagens presentes nos quatro mistérios anteriores: a submissão do fiel à vontade do Pai, a conformação com o sofrimento, a conversão, o batismo e a imitação da vida de Cristo como caminho para a Salvação.

Considerações finais

Os Mistérios Dolorosos correspondem ao martírio de Cristo que culminou com a sua morte na cruz – símbolo da Redenção e do renascimento para a vida eterna. Semelhante aos Mistérios Gozosos, as passagens bíblicas recomendam uma conduta de vida, no entanto, o comportamento sugerido pela Paixão de Cristo está diretamente relacionado com as adversidades da vida e o sofrimento humano. As narrativas da Paixão instruem os fiéis a aceitarem a vontade de Deus Pai com base no argumento de que todo sofrimento tem a sua recompensa.

O cativo é transformado em milagre, o açoite em bênção, o sofrimento em Glória, a morte em vida. Conforme Guilherme Amaral Luz, as relações entre cristianismo e escravidão não são estabelecidas pela contradição, não existe oposição entre catolicismo e escravidão, entre caridade e violência ou entre conversão e sujeição⁷¹. O discurso cristão manifesto nos Mistérios da Paixão estabelece uma relação direta com a vida dos fiéis – os receptores da obra de arte.

⁶⁹ _____, **Sermão XIV (1633)**, p. 7.

⁷⁰ VIEIRA, **Sermão XIV (1633)**, p. 8.

⁷¹ LUZ, **Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social**, p. 66.



Como dito, os irmãos do rosário eram, em sua maioria, negros, africanos e descendentes; a maioria escravos e alguns libertos. Conheciam, direta ou indiretamente, o sofrimento da flagelação e os castigos sofridos pela desobediência.

O projeto iconográfico do martírio de Jesus proposto pela irmandade do Rosário é associado à vida desses homens e mulheres que estavam sendo convertidos à fé católica. Os episódios tinham como função comover o fiel e persuadi-los da necessidade da conversão, do batismo e, sobretudo, da aceitação do sofrimento e da conformação com a escravidão.

Além de serem induzidos à resignação, os irmãos do rosário eram persuadidos a agradecer a Deus pelo cativo, pois foi por meio da escravidão que os mesmos tiveram a oportunidade de conhecer o caminho para a Salvação da alma. P. Vieira afirma que aquele que é libertado torna-se cativo do libertador, sendo assim, os membros da confraria, libertos do cativo da alma pela oração, devoção e meditação dos mistérios do Rosário, tornam-se cativos de Nossa Senhora do Rosário e de Jesus Cristo. Deste modo, são impelidos a cultuar e venerar a Virgem do Rosário – a carta de alforria dos irmãos do Rosário.

Por isso foi necessário que o Filho de Deus se fizesse homem, e morresse em uma cruz, para que com o preço infinito de seu sangue pudesse resgatar e resgatasse as almas do cativo do demônio e do pecado. E deste cativo tão dificultoso, e tão temeroso, e tão imenso é que eu vos prometo a carta de alforria pela devoção do Rosário da Mãe do mesmo Deus.⁷²

Guilherme Amaral relata que na hierarquia dos mistérios do Rosário, P. Antônio Vieira concede maior importância aos mistérios dolorosos – a Paixão de Cristo – sendo a contemplação dos mistérios uma preparação para a morte e, conseqüentemente, uma preparação para que ela se torne gloriosa. “O Rosário, assim, auxiliaria o fiel na expiação de seus pecados, na tomada de consciência de sua condição mortal e na indicação, por meio do exemplo de Cristo revelado nos mistérios, dos caminhos para a Redenção”⁷³.

O discurso proferido pelo P. Antônio Vieira no *Sermão XXVII* da série *Maria Rosa Mística* explica que Cristo veio libertar os homens do cativo da alma e não do corpo. Para o pregador, o homem é feito de corpo e alma, logo, existem dois tipos de cativo: o do corpo e o da alma. O homem pode ser escravo do corpo, mas deve ter a sua alma livre, pois a alma é mais importante que o corpo.

⁷²VIEIRA. *Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística*, p. 8.

⁷³LUZ. *Rosário da Concórdia: Vieira e os Fundamentos Místicos da Paz Social*, p.73.



A alma é melhor que o corpo, o demônio é pior senhor que o homem, por mais tirano que seja; o cativo dos homens é temporal, o do demônio eterno; logo, nenhum entendimento pode haver, tão rude e tão cego, que não conheça que o maior e pior cativo é o da alma.⁷⁴

No mesmo sermão, Vieira recorre à Bíblia – São Pedro e São Paulo – para convencer os escravos a suportarem, com paciência, o sofrimento do cativo e explica as razões da Paixão:

A Paixão de Cristo teve dois fins: o remédio e o exemplo. O remédio foi universal para todos nós: *passus est pro nobis*; mas o exemplo não duvida São Pedro afirmar que foi particularmente para os escravos, com quem falava: *vobis relinquens exemplum*. E por quê? Porque nenhum estado há entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciência de Cristo, e para seguir as pisadas do seu exemplo: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus*.⁷⁵

A escravidão é, portanto, semelhante à Paixão de Cristo, isto é, a preparação do homem para a Glória de Deus. Cada discurso recomenda uma conduta de vida baseada na imitação da vida de Cristo que suportou, em silêncio e com paciência, o seu martírio obtendo, após a morte, a vida eterna.

⁷⁴ VIEIRA. Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística, p. 6.

⁷⁵ _____. Sermão XXVII da série Maria Rosa Mística, p. 12.